

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA
PAULA BARATA DIAS
Coordenação

Fluir Perene

A cultura clássica
em escritores portugueses
contemporâneos



Coimbra • Imprensa da Universidade



MinervaCoimbra

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

PAGINAÇÃO
António Resende
[Universidade de Coimbra]

EXECUÇÃO GRÁFICA
G.C. – Gráfica de Coimbra, Lda.
Rua do Progresso, 13 • Palheira – Assafarge
Telef.: 239 802 450 – Fax: 239 802 459

ISBN
972-8704-20-8

DEPÓSITO LEGAL
211155/04

© ABRIL 2004, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

PAULA BARATA DIAS

COORDENAÇÃO

Fluir Perene

A cultura clássica em
escritores portugueses contemporâneos

AUTORES

Fernando Pinto do Amaral

José Carlos Seabra Pereira

Maria Helena da Rocha Pereira

Ana Paula Arnaut

Luísa de Nazaré Ferreira

José Ribeiro Ferreira

Mário Garcia

Isabel Pires de Lima

Fernando Guimarães

Oswaldo Manuel Silvestre

Walter de Medeiros

Maria João Borges

Teresa Cristina Cerdeira da Silva



Coimbra • Imprensa da Universidade • 2004



MinervaCoimbra

A MÃO QUE ESCREVE: APRESENTAÇÃO DE HÉLDER MACEDO

Quando fui convidada pelo Departamento de Letras Clássicas da Universidade de Coimbra para apresentar o escritor Helder Macedo, aceitei, honrada, o convite, não só por estar aqui nesta tão prestigiosa Universidade, mas também porque vir falar dos textos de Helder Macedo é, já há algum tempo, tarefa que me encanta. Venho pois do Brasil, onde a recepção dessa obra foi indiscutivelmente feita com atenção por professores das mais variadas universidades: na UNICAMP pela Prof.^a Vilma Areas, na UFAL pela Prof.^a Maria Lúcia dal Farra, na UFRGS pela Prof.^a Tânia Carvalhal, na UFRJ pela Prof.^a Cleonice Berardinelli e por mim mesma. Isto sem falar em artigos de jovens pesquisadores e, já agora, teses de Doutorado, já defendidas e em vias de serem apresentadas. Como vêem, nada mais justo que os ecos universitários desta obra serem recolhidos — como de facto aconteceu — por uma Editora brasileira, a Editora Record, que se empenhou em publicar toda a obra do autor: um primeiro romance — *Pedro e Paula* — saiu em 1998, em seguida *Partes de África* em 1999, e para este ano a poesia reunida, até o mês de abril. Sucesso, como vêem, indiscutível e que, atravessando inicialmente o meio universitário, se projecta para um público mais amplo, que é, aliás, o que vem acontecendo mais recentemente, e ainda bem, com a produção contemporânea portuguesa.

Pensei, ao receber o convite, que a tarefa, para além de agradável, não seria assim tão árdua, por um lado pela indiscutível excelência dos dois romances do autor, segundo porque, afinal, eram apenas dois romances. Ledo engano. Tendo parado uns momentos apenas para reflectir

(*) Universidade Federal do Rio de Janeiro.

sobre a organização desta apresentação, simples a princípio, porque conheço tão de dentro esses textos, porque escrevi sobre eles, trabalhei com eles na Licenciatura e na PG da UFRJ, porque vi multiplicadas essas reflexões em textos de alunos meus que percorriam com agudeza os seus próprios caminhos, tendo parado, repito, descobri que não bastava falar aqui do *romancista* Helder Macedo. Era preciso certamente também falar do *poeta* e do *ensaísta* renomado, certa que estou de que há entre esses variados tipos de produção uma tonalidade comum na sua evidente diversidade.

Certamente não preciso apresentar, numa universidade portuguesa, o ensaísta cuja produção é bibliografia obrigatória na formação académica de quem quer que se volte para estudos de literatura portuguesa: bastaria citar livros como *Nós, uma leitura de Cesário Verde*, *Camões e a viagem iniciática*, *Do significado oculto da Menina e Moça*, ou artigos que são referências que já não se podem ultrapassar, como o texto da *Colóquio 51* sobre Garrett — «*Viagens na minha terra* e a 'Menina dos Rouxinóis'», e agora, mais recentemente, a obra de grande fôlego, *Viagens do olhar* (em Portugal sob a chancela da Editora Campo das Letras), que recebeu o Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Internacional de Críticos Literários e o do Pen-Club de Portugal, escrita a meias com o filósofo Fernando Gil. Textos assim não carecem de apresentação.

Vocês, no entanto, talvez estejam imaginando que não será desse Helder Macedo que esperavam ouvir falar. Que esperavam ouvir falar do romancista ou do poeta, e eu prometo não faltar a este justo desejo. Mas a minha aposta teórica, aquela que daria título, se título houvesse, a esta apresentação, é a de que, por detrás dessa variada produção que cobre géneros também vários — *romance, poesia, ensaio* —, há sempre a mesma mão que escreve, a mesma e sempre outra, porque adequada às exigências e ao tónus de cada criação, mas onde — muito *baudelairianamente* — «os perfumes, as cores e os sons se respondem».

Que é isso de se responderem? Ah, meus amigos, isso é conversa longa de que eu vou apontar apenas, à guisa de aperitivo, simples encontros. Porque decididamente deixo a Helder Macedo o direito de falar de si e da sua prosa. Terá ele, a justo, justíssimo título, tempo para responder às perguntas que nós lhe fizermos, enfim, o fato é que não estaria eu aqui para contar romances, nem será isso o que esperam de mim.

Prefiro dar-lhes, portanto, alguns recortes dos textos, deixar que eles mesmos despertem a curiosidade de quem ainda não os conhece, ou evoquem agradáveis lembranças em quem os tiver lido. E, cumprindo aquela tarefa anterior a que me propusera, queria apontar que *a mesma mão os escreve*.

Mão sábia que vai buscar nas fontes da tradição o alento para uma escrita nova que estabelece com aquela outra um saudável jogo de evocações culturais. Gosto de pensar nessa proposta em que citar⁽¹⁾ (do latim *citare*, pôr em movimento, chamar, provocar) ultrapassa o mero investimento na repetição para se constituir como força de trabalho absolutamente original, não no que se refere à restauração da origem — que, na verdade, é apropriada para ser rasurada em seguida —, mas como emergência de um novo que não carece da *tabula rasa* ou da neutralização das influências porque soube ultrapassar a angústia que via de regra o criador mantém com a tradição⁽²⁾. Se este negociar com a tradição não é apanágio da modernidade, é preciso dizer que a produção contemporânea exacerba esse diálogo com o passado, porque aposta no desafio e desconfia da castração da sombra por acreditar antes na convivência com aqueles a quem chamamos *clássicos*. E que me permita aqui o Departamento de Letras Clássicas, mas quero negociar eu com este nome — «clássicos» — de forma ampla, de modo a abranger certamente a Antiguidade Clássica, sem deixar de passar pelo Classicismo e chegando até a um conceito mais generoso que congrega todas as obras que, de uma maneira ou de outra, permanecem como marcos culturais, referências, enfim, como bagagem que a tradição nos lega e à qual sempre se retorna. Obras portanto também de outro modo *clássicas*.

(1) Cf. Antoine COMPAGNON, *La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979. — «*Citare*, en latin, c'est mettre en mouvement, faire passer du repos à l'action. Les sens du verbe s'ordonnent ainsi: d'abord venir à soi, appeler (d'où l'acception juridique d'une sommation à comparaître), puis exciter, provoquer, enfin, dans le vocabulaire militaire, délivrer une mention. En tout cas, une puissance est en jeu, celle qui met en branle. Dans le vocabulaire de la *corrida*, on dit que le *torero* «cite» le taureau: il provoque sa charge à distance, il le promet en agitant un leurre devant ses yeux» (p. 44).

(2) Harold A BLOOM — *angústia da influência* (*The anxiety of influence*). Rio de Janeiro : Imago, 1991.

Mas vamos aos textos. Leio por exemplo no ensaio de Helder Macedo, *Camões e a viagem iniciática* (de 1980), mais que uma análise do amor camoniano, quiçá uma transposição, em terceira pessoa, como convém à impessoalidade do discurso crítico, de uma ode, também pessoal, ao justo gozo do amor vivenciado em plenitude e que, mais que «reconciliação do espírito com a carne» é, como ele próprio diz, «consagração do espírito na carne», e cito: «parecendo trazer uma nova dimensão valorativa à escala platónica do amor — a escala de Diotima — que definia como 'baixo amor' a submissão do espírito ao corpo, como 'amor misto' a não rejeição do corpo e como 'amor sublime' a negação do corpo em pura espiritualidade.» E continua: «Da perspectiva de Camões, o chamado 'amor misto' é investido com o valor superior de uma maior verdade totalizante.»

Camões será sempre, na obra de Helder Macedo, espaço de retorno crítico e criador. Abro o primeiro romance — *Partes de África* (1991), que tem de autobiográfico apenas o tanto que lhe convém, pois, como dirá o autor: «este livro não é sobre mim mas a partir de mim» — e, depois de ver camonianamente lembrado em epígrafe que a ordem do mundo é «não sabida» («O tempo tem sua ordem já sabida. O mundo não»), salto ao capítulo 8 e leio uma nostálgica história de amor vivida por esse narrador / autor ainda adolescente e uma bela e incorpórea judia, de nome Raquel. Em pano de fundo surge-nos imediatamente o soneto assaz conhecido:

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela
Mas não servia ao pai, servia a ela
E a ela só por prémio pretendia.

Àquela outra Raquel, a do romance, ficaremos sabendo, não precisou o *pastorzinho* de quinze anos servir durante sete anos. Bastaram de certo apenas uma visão e alguns encontros, até porque essa outra judia, transmigrada do contexto bíblico e camoniano para os negros tempos do nazismo, breve para longe partiria, forçada por questões éticas sempre discutíveis quando tomadas como absolutas, tais como honra ou fidelidade conjugal, e isto seria sem remédio. Com as necessárias e aliás desejadas metamorfoses, os ecos, entretanto, estavam todos lá: no nome Raquel, e judia como convinha; na beleza sacrificial; e, sobretudo, no desejo de «servir».

Eu procurava *servi-la* como pudesse, levar-lhe um copo de água antes dos criados, passar-lhe os amendoins, abrir-lhe a porta do carro antes do marido.⁽³⁾

Ou ainda:

o pavor que então senti fazia parte do meu fascínio pela incorpórea Raquel, do meu querer *servi-la* numa angústia de transmigrações inomináveis.⁽⁴⁾

Evocando assim os *incorpóreos* dos estóicos e as *transmigrações* de algum modo platónicas, acedidos, é claro, pela via camoniana, cá estamos nós frente a «clássicos». Mas, porque os tempos eram outros e, para que o desejo, que tinha ficado explosivamente contido no menino encharcado de chuva diante da porta da amada, tal qual novo José Matias de outro clássico do século XIX — Eça, é claro —, pudesse enfim ganhar espaço, quando a partida do avião que expulsava a nova Raquel para a Alemanha nazista indicava que *para tão longo amor fora demasiadamente curta a vida*, esse desejo, repito, se completa no romance com uma outra experiência afectiva, com uma também doce «namorada cor de cobre», naquela mesma madrugada em que, e cito: «nossos corpos começaram finalmente a descobrir-se e a encontrar o seu modo de querer-se. E depois fomos todos ver o Sol nascer, vermelho e repentino, no cais do Pijiguiti». Começava assim, literariamente, sua iniciação amorosa, tal como Hélder Macedo entende ler em Camões: com a «celebração do espírito na carne».

Mas esse primeiro romance de Hélder Macedo joga também em outros campos que não apenas o do exercício amoroso. Porque é um texto que relê no espaço da ficção os últimos 50 anos do colonialismo português, *Partes de África* reflecte, em espécie de metonímia, sobre formas outras de poder que não necessariamente aquela da violência evidente da metrópole em relação à colónia. Em espécie de metonímia dizia eu, porque exemplarmente o colonizador é visto através do caso de um certo governador

(3) Grifos nossos.

(4) Grifos nossos.

Ferreira Pinto que, no melhor propósito de construção de uma utopia africana, acreditava poder instaurar, e cito, «nem que fosse pela força, a Idade de Ouro na Zambézia». Era, assim, apesar de cheio de boas intenções, o exemplo típico do etnocentrismo exacerbado que pretendia moldar, com sua educação clássica, os povos africanos. Informa-nos o narrador — e pouco importa saber se o caso é verdadeiro ou tão somente necessariamente verosímil para se tornar exemplar - que ele tinha «uma vistosa educação clássica, gostava de citar Tácito e especialmente o Virgílio da *Écloga Profética*: « *omnis feret omnia tellus... incipel*» [*toda terra produzirá tudo... começa!*] (PA, p. 25). Por coerência, imbuído da profecia da criança divina, determinara, por exemplo, que os meninos das escolas de Quelimane usassem «bibes inspirados nas togas romanas». O que se vê aqui é certamente uma outra espécie — insidiosa espécie — de exercício do poder. Nenhum respeito ao outro nesses tempos em que, como dirá o narrador posteriormente, só se era capaz de «reconhecer o desconhecido», ou, em outras palavras, de impor um olhar já feito, comprometido tão somente com os seus próprios conhecimentos, as suas próprias metáforas, as suas próprias crenças, anulando o que de verdadeiramente novo poderia surpreender no encontro com o diferente. Suprema ironia do autor nesta revisitação aos clássicos que aqui são convocados como forma de autoritarismo e de cegueira cultural. Não seria, aliás, demasiado lembrar aqui o início de um texto crítico do autor que aparece inserido entre os capítulos do seu romance, a mostrar, por um lado, concretamente, que a mesma mão os escreve, e que, por outro, esta é uma questão fulcral de suas preocupações quer como ficcionista, quer como ensaísta.

O título da minha comunicação — «Reconhecer o desconhecido» — pressupõe um paradoxo: pois como reconhecer o que se desconhece? Mas esse, julgo eu, foi um paradoxo frequentemente manifestado nos primeiros encontros entre povos de civilizações diferentes, a razão dos ilusórios entendimentos e dos equivocados desentendimentos que estiveram na origem da construção dos impérios. (PA, p.160)

Poderia, se tempo houvesse, ir a outra espécie de clássico, para o caso, as *Viagens na minha terra*, e depois, no mesmo romance — *Partes de África* — descobrir que o «despropositado» livro de Garrett se tinha transformado

numa narrativa contemporânea em que «o autor se dissocia de si próprio e *desdiz o propósito* do seu livro». Livro que é, aliás, também como o outro, a narrativa «desta minha *grave viagem*», feita em eco por um também «*poeta em anos de prosa*», e que evidentemente não recusa «os ecos literários pertinentes» dos seus «plurais romances». Livro também que, ao referir-se à paixão definitiva pela «S», retoma letra por letra a linguagem garrettiana que apresentava ao leitor a sua Joanhina:

E foi em Joanesburgo que conheci a S. Mas como hei-de eu agora nesta grave odisseia das minhas viagens, como hei-de eu inserir o mais interessante e misterioso episódio de amor que foi contado ou cantado? Não sei, nem vou tentar. Basta dizer que em tudo se renova e que é sem cura (PA, 84-5)⁽⁵⁾

Uma apresentação é definitivamente uma espécie de aperitivo. Por isso salto já para uma outra reflexão que o ensaísta Hélder Macedo fez em 1994, em um Congresso da ABRALIC em São Paulo, sobre o seu — e muito seu — Machado de Assis. E sabem o que ele foi buscar? Uma história de gémeos, ironicamente mal resolvidos, uns tais de Pedro e Paulo de um romance, nem tão famoso quanto sua qualidade o mereceria, intitulado *Esau e Jacó*. E não é que anos mais tarde cai-nos nas mãos — benvindo seja — um outro romance do próprio Hélder Macedo, que graceja a sério com uma outra história de gémeos, só que desta feita em versão feminina, e que se chama *Pedro e Paula? A dívida* poderia parar aí, na evocação consciente dos nomes; mas não, ela passa, como já terei dito em outra data, pelo apelo a uma escrita de *registro irónico* e de comprometido *diálogo com o leitor*, pela quase *ausência de um discurso assertivo* que procura considerar menos as oposições e mais as *contradições da verdade*, encontros de prazer em que este romancista se compraz, a cumprir uma regra de que ele próprio é o autor: «O que é preciso é misturar tudo ou, pelo menos, fazer o que se pode. Porque conseguir, em português, só o Camões e o Machado de Assis» (PA, 169). Definitivamente aí estão os grandes clássicos revisitados. Os da literatura, é claro, mas também os da música e da pintura e do cinema, não

⁽⁵⁾ Grifos nossos.

fosse esse romance começar justamente com um diálogo frutuoso com Ilse e Lazlo, os inesquecíveis amantes de *Casablanca*, numa espécie de ficção de segundo grau a continuar em letra a cena inesquecível do avião em noite brumosa.

É só um aperitivo, como lhes havia dito. E, por isso mesmo, relembro, para finalizar, as leituras que o Hélder Macedo ensaísta fez há tempos, com Stephen Reckert, sobre as Cantigas de Amigo, para depois ir ler no seu livro de poemas de 1994, schubertianamente intitulado *Viagem de inverno*, três belíssimos reencontros com a estrutura e a tonalidade dessas cantigas, devidamente actualizadas, como convém a quem sabe brincar inteligentemente com a tradição. Leio só uma delas para não me alargar mais, e sobretudo porque prefiro çalar para deixar-lhes, à guisa de prólogo que isto deve ser, o sabor de ouvir Hélder Macedo:

Bailemos amigas
que a dança acabou
os rios correram
a fonte secou

bailemos na noite
libertas do amor
sem nada querer
sem qualquer temor

bailemos irmãs
nos corpos sumidos
das jovens que fomos
nos tempos perdidos

bailemos que é tarde
para resistir
quando a madrugada
já não pode vir

bailemos meninas
de seios mirrados
com olhos vazios
e sem namorados

bailemos a dança
que a todos nivela
o filho o amante
a feia e a bela

e quem não quiser
connosco bailar
saiba que esta roda
terá de dançar

com velhos e moços
com monstros e mansos
com mancos e destros
com loucos e castos

terá de bailar
saiba que esta roda
pela noite toda

não há-de acabar

